

## A REINVENÇÃO DAS CIDADES PARA UM MERCADO MUNDIAL

Eduardo de Sá Portella

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*.

Chapecó: Ed. Argos, 2003.

O principal enfoque deste livro de Sanches trata das políticas urbanas feitas pelos governos de muitas cidades, nos últimos anos, orientadas para a transformação das cidades em mercadorias, bem como da mudança na base material dos centros urbanos para o atual padrão de acumulação, sob as pressões uniformizadoras dos atores hegemônicos. Sendo assim, os projetos de cidade e os modelos de desenvolvimento construídos pelos governos locais aliados aos agentes privados, passaram a apresentar semelhanças significativas.

A autora toma Curitiba e Barcelona como casos para analisar os processos de produção de imagens e discursos que tem sido desenvolvidos sobre essas cidades, de acordo com a agenda urbana atual, na qual a promoção de cidades é feita através de políticas de *marketing* e de grandes projetos de renovação urbana.

Para Sanches, a reestruturação das cidades é ao mesmo tempo econômica, espacial e simbólica, pois envolvem a realização dos interesses globais sobre o espaço urbano e constituem modos de afirmação da hegemonia capitalista em seu estado atual. Por isso, esforço político de alguns prefeitos e governos de cidades em vender o sucesso e promover a reinvenção dos lugares guardam relações com o mercado global de cidades. Esse esforço dos governos também está orientado pela necessidade de dar visibilidade internacional a seus projetos e ações urbanas, visando a um trânsito notável junto às agências multilaterais – que, por sua vez, garantirão futuros financiamentos para novos projetos. A construção de imagens-modelo e a conquista de expressão no mercado de cidades torna-se fundamental nesse contexto.

Através de diversas tendências perfilam-se as estratégias contidas nas políticas urbanas, tanto as locais quanto aquelas da agenda urbana internacional: a adaptação técnica do território com a renovação de infra-estruturas de mobilidade e de telecomunicações, a

apresentação de algumas experiências de renovação urbana como modelos, a construção de espaços seletivos voltados ao turismo, ao lazer, aos negócios, ao consumo e à habitação.

Segundo a autora, os projetos de renovação urbana são difundidos graças a uma crise nas formas de ver o mundo, permitindo a acolhida de técnicas oriundas da empresa. Tanto em Barcelona quanto em Curitiba, as ações governamentais tem sido feitas com o mesmo padrão discursivo, com a aceitação de princípios empresariais e a “subordinação às necessidades e imperativos das empresas” (p.173). A visão de mundo dominante que constrói a "cidade da virada de século" procura, a partir da difusão de "modelos", normatizar as cidades, configurá-las de acordo com os parâmetros da cidade competitiva, da cidade-empresa, da cidade-mercadoria e da cidade-pátria, desconsiderando a complexidade sócio-espacial e a multiplicidade de projetos políticos em cada território urbano. Diante dessa marcada tendência, parece haver um sentido político na análise e desconstrução crítica dos processos que a acompanham, como contribuição do pensamento crítico à possibilidade de representar o espaço de maneira que supere os limites das representações dominantes.

A participação dos cidadãos, o sentido de pertencimento à cidade, a adesão aos novos projetos ou serviços oferecidos, o elevado grau de aceitação e aprovação pública dos "projetos de cidade" e, principalmente, a aparente unanimidade que alguns projetos tem alcançado, são elementos constantemente apresentados pelos governos municipais através das imagens hegemônicas de Barcelona e Curitiba, para mostrar o êxito de seus projetos. Nas duas cidades analisadas, as representações tornadas dominantes são cuidadosamente desenhadas para mostrar uma cidade homogênea e apagar as diferenças políticas, culturais, de classe ou de origem étnica presentes no território urbano. Os discursos da cidade-pátria e do consenso-cidadão, da sociedade urbana como um bloco homogêneo sem conflitos de interesses, orientada para um grande objetivo comum, são forjados no interior das políticas urbanas, com o apoio incondicional e com o uso amplo de variados instrumentos publicitários, atuando como elementos-chave na regulação social e no controle político da população.

A semelhança dos discursos, ações e imagens produzidas na análise de Curitiba e Barcelona, indica para Sanches, a universalidade dos processos de produção do espaço global e a reestruturação espacial como aspecto da atual fase da acumulação capitalista.

Escrito a partir de sua tese de Doutorado, o livro permite uma leitura profundamente crítica dos processos que envolvem a nova agenda urbana. Além disso, busca de maneira vitoriosa, caracterizar os aspectos políticos e sociais que as cidades experimentam através dessa nova agenda.